

VEÍCULO:
O Dia

DATA:
02/03/14

EDITORIA:
Economia

Alemão vai abrigar novo polo gastronômico do Rio

Sebrae já capacita donos de restaurantes da comunidade, que recebem muitos turistas. Anúncio foi feito durante o 9º debate da série 'Rio sem Fronteiras'



FOTOS JOSÉ PEDRO MONTEIRO

Fabiana (com o microfone) anuncia a criação do polo. Ao fundo Mara Adell, o mediador André Balocco e Helber Venâncio, da AgeRio

RIO
cidade sem fronteiras

TÁSSIA DI CARVALHO
tassia.carvalho@cedia.com.br

O Complexo do Alemão vai ganhar um polo gastronômico ainda este ano. O anúncio foi feito por Fabiana Ramos, analista do Sebrae, durante o 9º debate da série 'Rio, Cidade sem Fronteiras', promovido pelos jornais **O DIA** e 'Meia Hora' na sede da ONG Educap, na Rua Canitar, Alemão, na quinta-feira. O polo reunirá, principalmente, empreendimentos da região de Nova Brasília.

"Já estamos capacitando os proprietários de restaurantes da comunidade e, se tudo der certo, pediremos à prefeitura que dê seu 'ok' à criação do pólo até o fim deste ano", afirmou Fabiana, ressaltando que o papel do Sebrae é aproveitar as iniciativas já existentes no morro, capacitando os empreendedores para se organizarem. "Os empreendedores poderão fazer compras coletivas e se aliar aos que trabalham com turismo. É uma relação ganha-ganha."

Fabiana deixou claro que polo não é um espaço físico, mas sim orientação e capacitação de empreendedores da favela para se fortalecerem mutuamente.

O debate foi aberto por Lúcia Cabral, da Educap. Cria da comunidade, ela ressaltou que empreender não é apenas uma forma de subsistência — é preciso formação — e criticou a falta de cuidados com os jovens. "Para gerir um negócio é preciso que haja mais investimento na Educação", afirmou.

Logo depois dela foi a vez de Dalcio Marinho, do Observatório de Favelas. Com um raio-x do empreendedorismo do Complexo da Maré, sede da ONG, Dalcio pediu respeito às tradições do comércio na favela para que os empreendedores, que hoje estão lá, não sejam 'expulsos' após a prometida pacificação. "Não é chegar e exigir a formalização. É preciso entender como funciona o local, em primeiro lugar."

Mara Adell, professora de empreendedorismo e uma das coordenadoras da Feira Solidária, que funciona nos fins de semana ao lado da Estação Palmeiras do Alemão, falou sobre a história do local. Para expor, é preciso que 70% do trabalho tenha sido feito artesanalmente. Ela foi uma das que mais responderam perguntas do público.

'Copa é uma oportunidade'

> Também presente na mesa do debate, o superintendente de microcrédito da AgeRio (Agência de Fomento do Rio), Helber Venâncio, mostrou confiança no crescimento dos negócios em favelas pacificadas. Apesar de frisar que trabalha com a meta de 7 mil financiamentos até o fim do ano, Helber avalia as tendências do mercado neste momento e aposta que o número será bem maior. "Acredito que poderemos chegar a 10 mil, caso o cenário continue como hoje", disse. Para Helber, a

Copa é uma grande oportunidade para a favela crescer. "Há uma demanda muito grande e aquecida." A agência, que substituiu o Banerj como banco de fomento à economia, financia de R\$ 300 a R\$ 15 mil por operação. "Para que os negócios funcionem, é preciso ter a vertente econômica também. E nós temos"

Ele elogiou a capacidade de pagamento dos seus clientes e lembrou que, na favela, a taxa de inadimplência é de 1,5%, contra 3% em média nos grandes bancos.

TRÊS SUCESSOS DO MICROCRÉDITO

Um dos casos de maior sucesso da AgeRio é o Bistrô R&R, em Nova Brasília, no Alemão. De botequim, graças a um empréstimo tomado junto a agência, o local se transformou em point da comunidade, com festivais gastronômicos e até mesmo uma versão do Oktoberfest.

Outro caso que o superintendente da AgeRio destaca é o do Hostel Coração da Coroa, na comunidade de mesmo no-

me. Propriedade do advogado brasiliense Octaviano Araújo, o Hostel era um cama e café e, agora, com o dinheiro da agência, passou por reforma e se capacitou para receber mais e melhor.

O esforço de Ester Marques dos Santos, no Jacarezinho, também foi premiado. Agora ela tem uma oficina de montagem de móveis planejados, após anos cortando mesas sem o maquinário correto.